



# Meu primeiro baile funk

Heloísa Cordeiro Gomes - EEEP Moreira de Sousa

A revista do ensino médio do estado do Ceará

Minha primeira festa, fui com minha melhor amiga. Minha mãe só deixou que eu fosse com muito custo. Nossa, foi um blá-blá-blá quase sem fim. Depois que eu pedi pra coroa, lá veio com a falação, que eu era muito nova, que eu tinha que estudar, que ela não criou filha pra isso ou aquilo...

Eu ouvi calada porque nessas horas não adianta bater de frente. Depois que ela falou o que quis e o que não quis; depois que minha "mamis" discursou até dar uma dor, fui eu com meus argumentos.

Na verdade, ela só deixou porque os pais de minha amiga também foram e ela confia bastante neles. Tenho certeza de que se fosse com outra amiga, não tinha nem o menor perigo de eu conseguir ir! Mas enfim! Ufa!

Assim que cheguei, bateu um certo arrependimento. Sei lá... pensei em minha mãe, preocupada, em casa pensando em mim. Mas também fiquei com vergonha de dançar e ao mesmo tempo tinha vergonha de parecer uma matuta porque não estava dançando. Bicha tonta, que soul! Doida pra ir pra festa e agora não sabia onde enfiar a cara!

Aos poucos me soltei e começamos a dançar pra valer! Uns meninos nos convidaram para que fôssemos dançar

com eles, mas não aceitamos. E só recusamos porque o pai da minha amiga estava de olho na gente!

E o pior! Infelizmente tínhamos somente cinco reais. Compramos um espetinho, dividimos a carne fraternalmente entre nós e o dinheiro acabou. Mas até a falta

tei. Devagar, claro. Mas depois de uma meia hora estávamos relaxadas e dançando.

Não demorou para que o DJ tocasse as consagradas, sabe, aquelas músicas antológicas que queríamos ouvir.

Não sei o que quer dizer 'antológica', mas



As batidas funk embalam grande percentual da juventude nos dias de hoje.

de grana para uma Coca-Cola foi motivo de piada entre nós.

Depois fui conversando com minha amiga. Ela foi me dando umas dicas. Que não adiantava ficar encanada, sem curtir. E mais: se eu ficasse toda murcha, ia parecer que era novinha e tínhamos que parecer mais velhas, descoladas... ela disse que tínhamos que agir como se estar ali fosse rotina pra gente...

Levei a sério e me sol-

sei que é o que se diz quando a música é boa.

Dancei tanto que, quando fui ver as horas, passavam das quatro. A festa estava quase acabando. Faltava só a banda de funk que eu queria ver! Mas o pai de minha amiga estava bem cansado e levou todos embora. Acabei dormindo na casa dela. Quando acordamos, os pés doíam de tanto que dançamos. Conclusão: no meu primeiro baile funk, não dancei funk!

## A FUNÇÃO SOCIAL DO ATO DE ESCREVER

Por simples que possam parecer as construções dos alunos, você leitor deve estar atento para que não passem despercebidos aspectos importantes presentes em nosso trabalho.

O primeiro deles diz respeito ao fato de que escrever é, sobretudo, um ato de coragem. Porque quem escreve expõe suas ideias, seus pensamentos, suas palavras, suas experiências, e, portanto, se expõe a elogios e reconhecimentos, como também se expõe às críticas.

Mas além disso, estamos trabalhando para dizer que o aluno do ensino médio não escreve para uma nota; não escreve para passar de ano. Ele escreve como um exercício político, de forja da própria consciência, ao mesmo tempo em que se coloca como atuante em nossa sociedade.

Rodrigo Nóbrega Martins  
Editor-chefe e professor orientador da revista Discentes